

Concertos de Domingo

Orquestra Gulbenkian
José Eduardo Gomes
Sílvia Sequeira
Carlos Monteiro



20 out 24

20 out 24 DOMINGO 12:00 / 16:00

GRANDE AUDITÓRIO

Orquestra Gulbenkian

José Eduardo Gomes Maestro

Sílvia Sequeira Soprano

Carlos Monteiro Tenor

Giuseppe Verdi

Abertura da ópera *La forza del destino*

Giacomo Puccini

La bohème: "Che gelida manina"

La bohème: "Sì, mi chiamano Mimì"

La bohème: "O soave fanciulla"

Pietro Mascagni

Cavalleria Rusticana: *Intermezzo*

Giacomo Puccini

Tosca: "Vissi d'arte"

Tosca: "E lucevan le stelle"

Giuseppe Verdi

Abertura da ópera *Luisa Miller*

Giacomo Puccini

Madama Butterfly: "Un bel di vedremo"

Madama Butterfly: "Vogliatemi bene"

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 1h
CONCERTO SEM INTERVALO

De pouco vale tentar adivinhar quais as obras que nos sobreviverão e quais os nomes que resistirão ao tempo, permanecendo relevantes volvidas várias gerações. Porque a História tem o seu próprio ritmo e cada período responde às suas idiossincrasias políticas, sociais e artísticas – até em relação aos criadores passados que entende recuperar e reenquadrar. Certo é que, durante grande parte do século XIX e na passagem para o século XX, as obras dos compositores Giuseppe Verdi e Giacomo Puccini (sobretudo as suas partituras para a ópera) gozavam de uma enorme popularidade, fazendo de ambos autênticas estrelas do universo musical. E assim se mantém, na verdade, até hoje.

Puccini compôs a sua primeira ópera, *Le Villi*, aos 25 anos. Desde logo se impôs como um excepcional criador de melodias, capazes de se infiltrarem no imaginário coletivo, através de árias imediatamente reconhecíveis e que continuam presentes nas temporadas das maiores salas mundiais, século e meio mais tarde. Mas *Le Villi* era ainda uma ópera marcada por elementos sobrenaturais, contando a história de uma mulher que, para se vingar do seu traíçoeiro amante, se transformava numa criatura maléfica. Não tardaria que Puccini se viesse a tornar num dos mais importantes compositores do *verismo*, movimento pós-romântico que ganhou enorme expressão em Itália e se definia pela adoção de narrativas realistas, trocando as tramas fantásticas e mitológicas por enredos ligados aos dramas humanos – dos amores conturbados às intrigas políticas. *Cavalleria Rusticana*,

de Pietro Mascagni, seria a obra fundadora dessa corrente aplicada à ópera italiana; caberia a Puccini, no entanto, contribuir de forma decisiva para a sua afirmação, com três das óperas maiores do seu repertório – *La bohème*, *Tosca* e *Madama Butterfly*.

Se *La bohème* é um retrato esplendoroso da vida boémia na Paris dos anos 1830 e 40, baseado no livro *Scènes de la vie de bohème*, de Henri Murger, e *Tosca* conta a história da ficcional cantora de ópera Flória Tosca, numa espécie de *thriller* político que envolve ainda o amante da diva e um outro seu apaixonado (o corrupto chefe de polícia), *Madama Butterfly* traça um amor trágico entre uma jovem gueixa e um oficial norte-americano.

A dimensão trágica está também presente em *Luisa Miller*, ópera de Verdi estreada em 1849 e baseada numa peça de teatro de Friedrich Schiller, uma apaixonada narrativa em torno do peso das expectativas familiares e da luta entre a liberdade individual e o poder político. Verdi voltaria a Schiller em *La forza del destino*, valendo-se de uma passagem de *Wallenstein* (trilogia dedicada à Guerra dos Trinta Anos) para robustecer a adaptação de uma peça do espanhol Angel de Saavedra e ligar as cenas de tragédia e comédia do original.

Aquilo que Puccini e Verdi alcançaram (e Mascagni ajudou a lançar) fixaria padrões para a mais elevada criação operática. E é esse lugar que este repertório continua a ocupar.

José Eduardo Gomes

José Eduardo Gomes foi recentemente laureado com o 1.º Prémio e o Prémio Beethoven na European Union Conducting Competition. É Professor na Escola Superior de Música de Lisboa, onde trabalha com as várias orquestras. Foi Maestro Titular da Orquestra Clássica do Centro, da Orquestra Clássica da FEUP, do Coro do Círculo Português de Ópera e da Orchestre de Chambre de Carouge (Suíça). Começou a estudar clarinete em Vila Nova de Famalicão, sua cidade natal. Prosseguiu a sua formação na ARTAVE e na ESMAE, tendo-se diplomado na classe de António Saiote com o Prémio Fundação Engenheiro António de Almeida. Estudou direção de orquestra, com Laurent Gay, na Haute École de Musique de Genève (Suíça) e direção coral com Celso Antunes. Foi laureado no Prémio Jovens Músicos (Clarinete, Música de Câmara e Direção de Orquestra) e no Concurso Internacional de Clarinete de Montroy (Valência). É membro fundador do Quarteto Vintage e do Serenade Ensemble. Tem sido um convidado das principais orquestras e festivais em Portugal e partilhado o palco com solistas como Maria João Pires, Diemut Poppen, Sebastian Klinger, Bruno Giuranna, Artur Pizarro, Natalia Pegarkova e Adriana Ferreira, entre outros. No domínio da ópera, incluem-se produções de *Don Giovanni*, *Così fan tutte*, *Lo Speziale* e *La Donna di Genio Volubile*. Foi o Diretor Musical da produção da Companhia Nacional de Bailado, *Alice no País das Maravilhas*, com a Orquestra Sinfónica Portuguesa, assim como da mais recente produção da ópera *Blimunda*, no Teatro Nacional de São Carlos. É Diretor Artístico da Jovem Orquestra de Famalicão. Em 2018 foi agraciado com a Medalha de Mérito Cultural da Cidade de Vila Nova de Famalicão.

Sílvia Sequeira

Sílvia Sequeira integrou o National Opera Studio, em Amesterdão. Em 2024 recebeu o 3.º prémio, o prémio Wagner e prémio do público no Concurso Tenor Viñas, em Barcelona. Em 2023 estreou-se como Suor Angélica, na Holanda, Donna Elvira (*Don Giovanni*), no Festival de Ópera de Óbidos, e interpretou Anna Kennedy, numa produção de *Maria Stuarda*, na Ópera Nacional dos Países Baixos. Foi laureada no Concurso Rainha Elisabeth, na Bélgica, e venceu o prémio de talentos ARIA. Recebeu o 2.º prémio, o prémio especial e o prémio do público no Concurso Ebe Stignani, o 3.º prémio no Concurso Vinceró e o prémio do público no concurso Ciclo Lousada. Em 2021 foi 2.º classificada no Concurso da Fundação Rotária Portuguesa e estreou o papel de Micaëla (*Carmen*), em Weikersheim, na Alemanha. Estreou-se nos palcos internacionais em 2019, no Conservatório de Maastricht, tendo interpretado o papel de Silvia em *Zanetto* de Mascagni. Em 2016/17 interpretou Fiordiligi, em *Così fan tutte*, no âmbito do Curso de Pós-Graduação em Estudos de Ópera e Teatro da ESMAE, com a Orquestra da ESMAE, sob a direção de António Saiote e com encenação de António Durães e Cláudia Marisa. Trabalhou com Cecília Fontes, Palmira Troufa, João Henriques, Rui Taveira, António Salgado, Luís Rendas Pereira, Connie de Jogn, Susan Waters, Yvonne Schifferlers, Mya Besselinck e Chelsea Bonagura.

Carlos Monteiro

Carlos Monteiro iniciou os seus estudos musicais no Conservatório Regional de Setúbal. Licenciou-se em Ciências Farmacêuticas na Universidade de Lisboa. Fez o curso de Canto no Conservatório Nacional de Lisboa, com Rute Dutra. Concluiu a Licenciatura em Canto na Escola Superior de Música de Lisboa, com Luís Madureira. Em 2018, terminou o Mestrado em Canto no Real Conservatório de Haia, na classe de Rita Dams. Encontra-se atualmente a terminar o Mestrado em Gestão Cultural no ISCTE (Lisboa).

Desde 2007, apresentou-se em concursos nacionais e internacionais, entre os quais: 2.^a edição do Concurso Prémio José Augusto Alegria, Concurso de Canto Lírico da Fundação Rotária Portuguesa (2010), Concurso de Canto Luísa Todt (2011), Concurso Internacional de Ópera de Clermont-Ferrand (2018), I Concurso Internacional de Lírica de Alicante (2019). Trabalha regularmente com La Capella Reial de Catalunya e Jordi Savall e é membro do Grupo Vocal Olisipo. Apresenta-se profissionalmente como solista em produções de diferentes géneros musicais. No domínio da ópera interpretou, entre outros papéis: Peppe (*Rita de Donizetti*); Don Ottavio (*Don Giovanni*); Commissario di Polizia (*Il Signor Bruschino*); D. Basílio e D. Curzio (*As bodas de Figaro*); Gherardo (*Gianni Schicchi*); Nerone (*L'Incoronazione di Poppea*); Gérald (*Lakmé de Delibes*). Outros projetos em que participou como cantor incluem: *performance* musical como Abraão, em “A mata B”, no CAM da Fundação Gulbenkian (2012); “Ópera na Prisão – D. Giovanni 1003-Leporello 2015” como D. Ottavio, na Sociedade Artística Musical dos Pousos (2015, 2016); e Monostatos, em “Exposição Temporária: Uma Pintura de Chagall e A Flauta Mágica de Mozart”, no CCB (2024). Carlos Monteiro é cofundador do grupo Operatellers e da Associação Cultural Academia Aglaia.

Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora. Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrix, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian.

24 nov 24

DOMINGO 12:00 / 16:00 — GRANDE AUDITÓRIO

Concertos de Domingo

Sonho de uma Noite de Verão

Orquestra Gulbenkian

Bertie Baigent Maestro

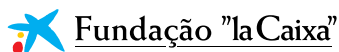
Vera Dia Narradora

Mendelssohn-Bartholdy



BERTIE BAIGENT © BEN FALÓVEGA

MECENAS
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
SEGURADORA OFICIAL



MECENAS
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável, oferecido pela **The Navigator Company**.

